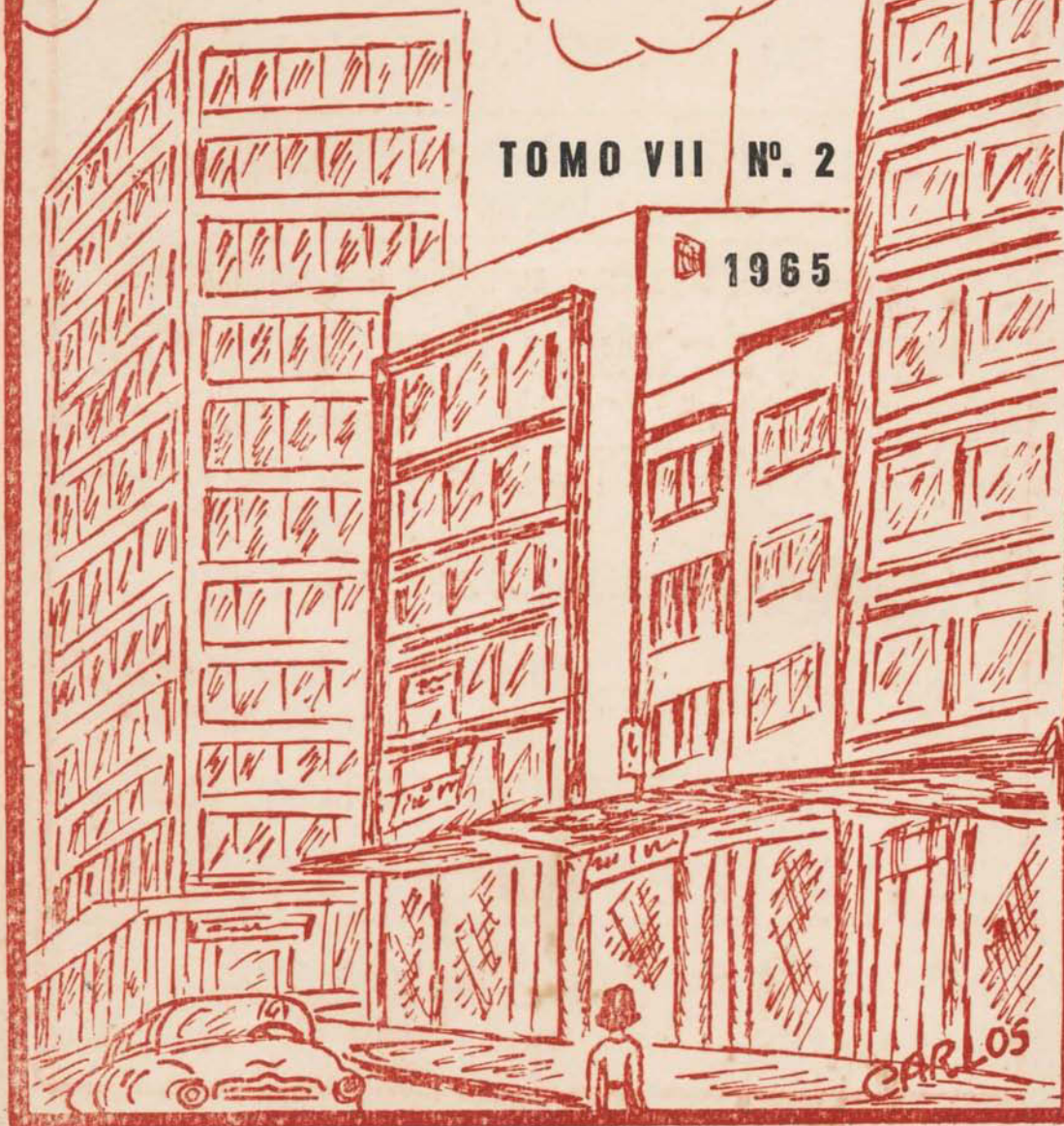


# BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII Nº. 2

1965



TÔDA COLEÇÃO DE MALHAS  
**LANÇADA para a MODA**  
**de 1965**

EM GRANDE EXPOSIÇÃO!

- Estolas - Japonas - Mantôs -  
- Casacos - Blusas - Pullover -

em modernísimos modelos e padrões

**Por preço da tabela do ano passado!!**

LÃNS PARA VESTIDOS: Bugles, Lã Cristal,  
Jersey, Alto-Relevo,  
Lã com Poliéster.

TASLAN Sintilante, Fantasia e Cotelê.

LÃNS em novelos de tôdas as boas marcas,  
em grande variedade.

— O MELHOR E MAIOR SORTIMENTO —

**Casa WILLY SIEVERT S/A. Com.**

**BLUMENAU, RUA 15 DE NOVEMBRO, 1526**

— VAREJO — ATACADO — PRESTAÇÕES —

# BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII



Nº. 2

## OS XOKLENG, HOJE

Relatório apresentado pelo Prof. Silvio C. dos Santos  
ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras da Universidade de Sta. Catarina.

### Introdução

A tribo Xokleng (1) que atualmente se encontra aldeada no P. I. "Duque de Caxias", no município de Ibirama, em Sta. Catarina, está reduzida a 160 indivíduos (2). Mas, há 100 anos essa tribo era barreira constante para aqueles que desejavam incursionar pelos vales litorâneos ou pelo planalto. Sua mobilidade espacial, aliada ao fato de estar formada por diversos grupos-locais, possibilitava o domínio das florestas que cobriam a faixa entre o litoral e a encosta do planalto. Essa é a orientação que obtemos quando consultamos os diversos autores que se preocuparam com a história do Estado catarinense (3).

Entretanto, os Xokleng somente "entram para a história", em 1852, quando atacam a casa do Dr. Blumenau, na colônia por êle criada, e têm Fritz Müller como expositor dessa façanha (4). Dessa data, numerosos relatos passam a registrar as «tropelias» praticadas pelos membros da tribo contra os contingentes migratórios que estavam a fixar-se nos vales do Itajaí e Tubarão.

As companhias colonizadoras e o próprio Governo Provincial iniciam campanhas no sentido de «afugentar os bugres, sem lhes fazer mal» (5). As «tropas de pedestres» e as «patrulhas de bugreiros» passaram a acudir onde os Xokleng apareciam e em pouco iniciava-se o extermínio dessa população. A cada ataque da tribo, que dia a dia via seu território ser ocupado, passou a ser respondido com os ataques inesperados e não menos sangüinários dos «bugreiros».

Com o desenvolvimento e a expansão dos primeiros núcleos coloniais, os Xokleng foram sendo envolvidos por frentes pioneiras que, originárias da Europa e incentivadas pelo Governo local, estavam decididas a ocupar definitivamente suas terras. E o esforço foi de tal ordem que o Governo catarinense não deixou de financiar diversas incursões de «bugreiros» (6) e mesmo os jornais da época chegaram ao máximo de anunciar, com anteci-

pação, incursões punitivas que se faziam contra os silvícolas (7).

As tentativas de pacificação e de catequese da tribo Xokleng, durante o século passado, nunca passaram de planos e tentativas frustradas e é somente partindo do pressuposto que os «civilizados» não deram ao índio oportunidades, no sentido de sua pacificação, que podemos justificar o cessar das hostilidades já neste século, em 1914. É isto em relação ao grupo-local que foi pacificado e posteriormente aldeado na atual reserva do P. I. «Duque de Caxias», pois estamos informados que outro grupo-local continuou vagando pelas matas (8).

Para a Etnologia os Xokleng aparecem com o trabalho de José Maria de Paula, 1924, «Memória sobre os botucudos do Paraná e Sta. Catarina». Pouco depois, entre 1932 e 1934, o etnólogo americano Jules Henry realizava uma pesquisa que resultou na monografia «Jungle People», publicada em 1941. Outros estudos foram realizados, mas em nada modificaram aqueles trabalhos e mesmo não passaram de uma abordagem a aspectos parciais da cultura e organização social Xokleng (9).

Os dados que passamos a apresentar foram coletados durante o mês de julho de 1963. O período de campo, que reconhecemos ser breve e que deverá ser ampliado oportunamente, permitiu que fôssem obtidos dados diversos sobre a cultura tradicional e sobre o processo de aculturação que estão a sofrer os Xokleng. Entretanto, nossas generalizações ficam limitadas a esses dados, pois estamos a cumprir apenas a primeira fase da pesquisa projetada (10).

## PACIFICAÇÃO E CONTATO

Em 14 de setembro de 1914, foram os Xokleng pacificados por uma turma de atração, chefiada por Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, que o serviço de proteção aos Índios vinha mantendo nas proximidades do rio Plate, afluente do Itajaí do Norte ou Hercílio. Os primeiros contatos foram, portanto, estabelecidos pelos Xokleng com os «civilizados» componentes desse grupo de pacificação.

O Serviço de proteção aos Índios procurou fazer com que a tribo continuasse a viver, no perímetro da reserva, com seus sistemas tradicionais e para isto adotou a técnica do «contado controlado». Visava-se assim permitir que a «dramática experiência que representa o salto da condição tribal a de Índios civilizados» (11) não fôsse letal para o grupo. Entretanto os Xokleng não deixaram de sofrer enorme depopulação - de 800 em 1914, existiam 106 em 1934 (12).

Por outro lado, não foi possível impedir que a tribo travasse contato direto com representantes das frentes pioneiras que se instalavam nas vizinhanças da reserva. No ano de 1928, Lima e Silva Hoerhann reclamava junto à direção do SPI, dizendo: «que os Índios botucudos deste Pôsto, sempre que sahem em suas excursões ou para caçar ou para colher pinhões... na regiões dos campos, entram em contacto com péssimos elementos localizados nequellas zonas coloniais... que... lhes incentivam na prática dos vícios que se acham corroidos...» (13).

Mas foi graças à intervenção protecionista que se logrou permitir a sobrevivência do grupo enquanto etnia. Os Xokleng foram transformados de nômades-caçadores em sedentários agrícolas. Atualmente, o desenvol-

vimento dos núcleos coloniais acabou por «enquistá-los» entre centros urbanos de grande desenvolvimento, mas êles lograram uma integração que permite sua participação na economia regional.

## A ACULTURAÇÃO COMO PROCESSO

Aceitando a aculturação como «o processo que se inicia pela conjugação de dois ou mais sistemas culturais autônomos» (14) passaremos a ver como os Xokleng estão vencendo o «continuum» que é êss mesmo processo.

Já vimos que os Xokleng eram nômades e que dependiam da caça para manter o seu equilíbrio alimentar. Resta lembrar, agora, que nem sempre os Xokleng viveram exclusivamente da caça. A tradição recorda os tempos em que êles viveram no planalto, onde conheciam a agricultura (15). A expulsão dêles daquela região está condicionada a causas historicamente desconhecidas (16). No entanto, para logarmos compreender os Xokleng é necessário a hipótese de que êles foram levados a uma adaptação de ordem ecológica que os levou a uma regressão cultural.

Vejam,os, entretanto, alguns aspetos que consideramos importantes para caracterizar os Xokleng antes e depois da pacificação.

### I - A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os Xokleng estavam divididos em grupos locais formados por contingentes de 50 a 300 indivíduos, aparentados entre si (17). Em cada grupo as famílias eram constituídas com base na monogamia, poliginia, poliandria e no que Henry chamou de «casamento conjunto» (18). E tôdas as relações estabelecidas dentro da família e no próprio grupo eram tão fluidas que Henry afirmou não terem os Xokleng «sistema de clãs ou metades que lhes imponham obrigações sociais» e que «êles são um povo sem senso de forma social (...), êles não têm padrões que excluiriam uma espécie de relação de parentesco para permitir outras» (19).

Os dados de campo que obtivemos sôbre êsse ponto em nada nos esclarecem. Os Xokleng usam pinturas corporais que estão associadas a grupos de nomes e a cinco clãs (20). Entretanto, se alguns informantes dizem que um homem não pode casar com uma mulher de pintura idêntica a sua - o que nos levaria a exogamia -, outros informantes dizem que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo de pintura podem casar e - apontam casos concretos - presentes e passados - em que tais uniões ocorreram. Na verdade Henry já havia observado isto, quando dizia que «não há vergonha conectada com o casamento de indivíduos de pintura idêntica» (21). Por outro lado, a maioria dos informantes concorda ao dizer que a única função das pinturas corporais «é afastar os Kupleng» - isto é, o espírito dos mortos.

A terminologia de parentesco que Henry apresenta foi por nós integralmente confirmada. Entretanto, através dela impossível seria justificar a ordem social - especialmente no que se refere a consecução de esposa - que os Xokleng vêm desfrutando há muito tempo. Suficiente é ressaltar que por ela impossível se torna o casamento de Ego com suas primas cruzadas e paralelas, o que é contraditório entre os Xokleng, (22),

Mas não queremos aqui aprofundar problemas que não encontram nos dados que colhemos a necessária consistência. Desejamos apenas ressaltar alguns pontos que permitam uma comparação com as situações que estão

a apresentar os Xokleng nos dias presentes.

Não encontramos nenhum caso de poliginia ou poliandria. O «casamento conjunto» também desapareceu. A monogamia está, na medida em que conseguimos informações sobre o problema, sancionada por todos. Entretanto, há certas situações que encontram explicações apenas se levarmos em conta as fluidas obrigações que orientavam outrora os Xokleng. Assim, é que encontramos a índia Wako Dili que, tendo perdido seu marido há cinco anos, continua nomeando os filhos que nasceram após a morte de seu espôso com o nome dêste e todos na comunidade aceitam que as crianças «pertencam» ao marido morto. Da mesma maneira, a mulher Waelui Aipon teve, até o momento, 4 maridos. Êsses ou morreram ou a abandonaram, mas ela imediatamente conseguiu «outro homem» para si. Também casamento sentre mulheres velhas e homens jovens e de homens velhos com mulheres jovens são ainda encontrados.

A imitação do que é usual entre os «civilizados» e as exortações feitas pela igreja «Assembléia de Deus» levaram os Xokleng a procurar viver com uma única espôsa e a obterem-na através dos meios usados entre nós. Entretanto, embora seja êsse o desejo dos pais, a maioria dos Xokleng casa sem obedecer o que é pregado pela igreja e mesmo sem dirigir-se a chefia do P. I. a fim de legalizar a nova situação.

## II. ECONOMIA

A área do P. I. «Duque de Caxias» é cortada pelos rios Plate e Itajaí do Norte. De forma irregular, a reserva possui aproximadamente 140 km<sup>2</sup>. Toda a região é acidentada e somente há 6 anos foi aberta uma estrada que, seguindo o curso do Itajaí do Norte, corta as terras do P. I. Os Xokleng se estabeleceram, por orientação do Serviço de Proteção aos Índios, ao longo do rio Itajaí, distribuindo suas propriedades a maneira das «tifas» (\*) da região.

As atuais casas ocupadas pelos Xokleng tiveram sua construção há poucos anos, pois nos primeiros tempos que se seguiram à pacificação a tribo foi abrigada, primeiramente, em um rancho comunal e, depois, em casas, feitas com lascas de madeiras e fôlhas de palmeiras, próximo a confluência do Plate com o Itajaí do Norte.

Atualmente as «propriedades» dos Xokleng resumem-se a lotes com aproximadamente 250 metros de frente sobre a estrada e com fundos indeterminados na floresta. Via de regra, a área em tórno da casa é cercada com arame farpado. Ali o Xokleng tem um pequeno pomar e, às vezes, algumas cabeças de gado. As roças, geralmente, estão situadas nos morros vizinhos às casas.

O Xokleng baseia sua produção agrícola no cultivo do milho, teijão e aimpim. Os dois primeiros produtos são básicos à sua alimentação. O último é comercializado nas indústrias de fécula que se localizaram próximas ao P. I. Mas, o Xokleng aumenta seus rendimentos extraindo o palmito que existe na reserva. Essa atividade é realizada nos meses de junho e julho, quando não há atividade agrícola e se aguarda a época da nova sementeira. A produção coletada é encaminhada para fábricas de conservas que operam nas cidades de Timbó e Rio do Sul. Por outro lado, às vezes o Xokleng dedica-se ao trabalho assalariado, ou a «empreitadas», nas vizinhanças do pôsto.

Os trabalhos de agricultura, extração de palmitos e os pertinentes

às «empreitadas» são realizados pelo Xokleng e sua família nuclear. Sua mulher e seus filhos colaboram nas diversas fases que caracterizam essas atividades. De outro lado, a caça e o trabalho assalariado são exclusivos dos homens, mas estas são atividades que apenas se destacam quando «reforçam» a economia Xokleng em períodos do ano em que o desequilíbrio econômico é flagrante.

Aceitando os estímulos do S. P. I. no sentido de modificar suas atividades econômicas, que outrora se baseavam na caça e na coleta, os Xokleng adaptaram-se a um regime agrícola de subsistência. Hoje, o equilíbrio econômico é dado pelo trabalho da família nuclear que produz para o seu consumo e logra, às vezes, comercializar alguns excedentes. A família de Aipon Pathé (23), por exemplo, produzia, no primeiro semestre dêste ano, 10 sacos de milho e 10 sacos de feijão. Seu orçamento foi complementado com a extração média diária, durante os meses de junho e julho, de 60 «cabeças» de palmito. Convém dizer que o milho alcançou na área do P. I. o preço de Cr.\$ 1.000 por saca e o feijão, Cr.\$ 3.000. Por sua vez o palmito é vendido a Cr.\$ 22,00 a «cabeça». Dessa maneira, teríamos a extração de palmitos, como o único meio que essa família encontrou para ampliar seus rendimentos, pois sua produção agrícola foi tôda reservada para garantir sua subsistência.

Mas outros Xokleng já encontraram novos mecanismos para ampliar suas atividades econômicas e êsses encontram origem no processo de aculturação que estão a sofrer. Êsses mecanismos resume-se no que passo a chamar por «concessão». Os Xokleng sabendo que a extração de palmitos na área do P. I. é exclusiva a sua tribo, passaram a permitir que «civilizados» - em maioria residentes e arrendatários na reserva - a êles se associassem. Entretanto, como a chefia do P.I. não deve tomar conhecimento que os «civilizados» estão participando da exploração do palmito, a produção dêstes é incorporada a produção dos Xokleng e enquanto êstes recebem das fábricas de conservas Cr\$22,00 por cada palmito, entregam ao «civilizado» apenas Cr\$ 15,00 e, às vezes, Cr\$ 17,00 por cada similar colhido. A diferença de Cr\$ 7,00 ou Cr\$ 5,00 por cada «cabeça» de palmito colhido pelos «civilizados» seria absorvida pelos Xokleng como uma espécie de «taxa de concessão». Convém ressaltar, entretanto, que o Xokleng não está consciente que assim procedendo está a prejudicar a si próprio e aos seus companheiros de tribo. E embora o numero dêsses «Xokleng-empresários» seja pequeno, o incentivo que fazem no sentido de que os «civilizados» participem da exploração do palmito acabará determinando o desaparecimento, em poucos anos, dessa fonte de renda.

O segundo meio de concessão é a «parceria» que estabelece o Xokleng para cultivar suas terras. O caso do índio Wili Tchucambam é bem elucidativo. Êle «pretendia licença do chefe do P. I. para contratar «civilizados» para ajuda-lo em seus trabalhos de roça». Mas a realidade é que Tchucambam desejava licença para permitir que «civilizados» viessem trabalhar em suas terras, pagando-lhe um terço do que viessem a produzir. Era êsse o contrato. Os «civilizados» - que de modo geral interessam e mesmo incentivam o índio em aceitar essa forma de «ajuda», devido o alto preço que alcançam as terras agriculturáveis na região - seriam arrendatários das terras que pròpriamente são usufruidas por Tchucambam e que na realidade a êle não pertencem.

Por êsses dois recursos vemos que os Xokleng às vezes passa de uma esfera de economia tribal para uma esfera de economia capitalista, sem que possa medir as consequências, ou pelo menos as dimensões, do processo econômico que está a adotar. Por outro lado, a economia tradicional que dependia das atividades coletivas, reunindo sempre todo o grupo-local, ou pelo menos, grupos de indivíduos associados pelo parentesco, foi modificada pela introdução da agricultura e está a dar origem a uma economia individualista que encontra associados apenas na família nuclear. Isto, se permite a melhor sobrevivência econômica de alguns Xokleng, como por exemplo Aipon Pathé e Wili Tchucambam, cria enormes obstáculos para a sobrevivência de outros, especialmente os velhos. Para ilustrar, temos o caso de Jaquá Klendó - um Xokleng paralítico, com mais ou menos 70 anos. Jaquá vive na casa de seu irmão, Kuzum Klendô, e consegue suprir suas necessidades econômicas confeccionando e vendendo armas tradicionais do grupo. Quando de minha visita, tive oportunidade de adquirir de Jaquá duas boas coleções etnográficas e ao meu regresso apresentei-o com diversas peças de roupas. De seu irmão, Kuzum, adquiri apenas um balaio, pagando o preço por ele estipulado. Mas por ocasião da entrega dos presentes a Jaquá, aquele reclamou que não estava recebendo nada e que também merecia porque tinha deixado fotografar-se e me havia fornecido algumas informações sobre a cultura tradicional. Respondi-lhe que os presentes a Jaquá eram devido a sua condição de velho e doente, entretanto Kuzum não ficou satisfeito com minhas justificativas.

### III - Outros Aspectos do Processo Aculturativo

O «continuum» que é o processo de aculturação não foi percorrido pelos Xokleng da mesma maneira. Uma mudança, gradativa em certos aspectos, caracteriza as três gerações que estão a suceder a fase da pacificação. Cada uma dessas gerações sofreu «compulsões» próprias e cada uma delas encontrou meios diversos para lograr sua acomodação. Assim é que os velhos da tribo ainda habitam casas, feitas de lasca de madeira e cobertas por folhas de palmeiras, de pequeno tamanho e onde o togo é indispensável como aquecimento, enquanto os jovens mantêm sérias reclamações junto a chefia do P.I. a fim que lhes sejam construídas casas melhores, pois as que habitam foram já há algum tempo construídas e «não possuem conforto». Por outro lado, enquanto os Xokleng de mais de 40 anos têm o lábio inferior furado - embora não usem mais o tembetá - os adultos com idade inferior e as crianças não apresentam sinal algum que lembre o uso daquele adereço. Da mesma maneira, aqueles falam o português com dificuldade ou, pelo menos, com sotaque característico, enquanto êstes dominam o vernáculo e não se pode distingui-los por esse ponto.

Para entendermos a dinâmica do processo aculturativo, devemos ressaltar quais os aspectos que estão a orientar êste mesmo processo (aspecto ou fatores convergentes) e aqueles que têm orientação negativa (ou divergentes), isto é, que embora operando em sentido convergente - ou pelo menos, aceito como tal - encerram em si certas incongruências que acabam sendo responsáveis pelo incentivo a uma criação de «mecanismos mantenedores de fronteiras» (24) no sistema cultural dos Xokleng.

#### Fatores convergentes

a) As atividades desenvolvidas pelo S.P.I. através do P.I. instalado na reserva ressaltam como o fator principal da aculturação dos Xokleng. Como vimos, a tribo esteve sujeita a «contato controlado» até poucos anos, o que natu-



ralmente determinou as principais características do processo de aculturação. Por sua vez, a escola que é mantida pelo P. I., teve e tem uma parcela de responsabilidade como orientadora desse mesmo processo (25). Os índios de menos de 30 anos, em maioria, frequentaram ou frequentam a escola e com o aprendizado que tiveram passaram a liderar as atividades econômicas de suas famílias, especialmente quando da realização de transações comerciais, pois «não se deixam enganar pelos civilizados».

b) A situação peculiar da reserva, enquistada numa área de grande desenvolvimento econômico, forçou um contato constante dos membros do grupo tribal com centros urbanos de importância, como Blumenau, Ibirama, Rio do Sul, Presidente Getúlio, etc., afora as "tifas" que se avizinham da reserva. Hoje, raro é o Xokleng que não realiza pelo menos uma viagem por ano a um desses centros, a fim de comerciar seus produtos agrícolas, suas manufaturas (arcos, flechas, balaios) ou, simplesmente para dar um passeio. E mesmo as casas de «tolerância» - existentes em Blumenau e Rio do Sul não são desconhecidas pelos jovens. Por outro lado, a construção de estradas de ferro e rodovias da vizinhanças da reserva, a partir de 1930, atraiu diversos Xokleng e forçou o início de um processo de destribalização que embora fôsse contornado pela atuação do SPI, acabou sendo responsável pela extinção do "contato controlado" a que estava submetida a tribo (26).

c) Os trabalhos de evangelização desenvolvidos pela igreja Assembléia de Deus tem também destaque. A maioria dos Xokleng, hoje é «crente» e embora não conscientize a atuação da igreja no plano em que ela deseja atuar, satisfaz-se com o abandono dos vícios do fumo e álcool e procura identificar-se como "crentes" na medida em que isto resulta na fixação do "status" desejado - se bem que estereotipado - qual seja, ser índio civilizado, o que vale dizer, ser honesto, trabalhador, diligente... Para exemplificar esta situação, temos o caso de Vechá Co-ovi. Este índio, com idade aproximada em 35 anos, frequentou a escola do P.I., onde aprendeu a ler e a escrever. Há poucos anos, por estar liderando uma parcela dos Xokleng no sentido de exigir «casas melhores» foi encaminhado para postos do SPI no Paraná, pois «estava incomodando muito e se tornando insubmisso», no dizer do chefe do P.I. «Duque de Caxias». Após três anos Vechá Co-ovi regressou ao «Duque de Caxias» e resolveu tornar-se «crente». Aceito pela igreja, passou a participar ativamente das reuniões e festas religiosas organizadas na reserva e nas comunidades vizinhas, acabando por ter reconhecido um "status" de índio civilizado, honesto e «portador de boas idéias». Para Vechá, este foi o meio encontrado para lograr obter uma situação de prestígio, dentro e fora da reserva, que o estimula a obter documentos (carteira de motorista e registro civil) para tentar obter oportunidade de trabalho fora do P.I., porque «não é capaz de viver mais ali, onde se vive mal e nada há para fazer».

d) A formação de grupos para a extração de palmito e a participação nesses grupos de «civilizados», através do que em linhas atrás chamamos de «concessão», vem determinar um outro fator convergente do processo aculturativo, pois o convívio mútuo facilita a socialização e determina o estabelecimento de elos de solidariedade entre os membros da tribo e os «caboclos» que estão engajados na mesma atividade econômica. Nos acampamentos, formados em plena floresta, as crianças Xokleng e as «civilizadas» estabelecem grupos de brinquedo, enquanto seus pais, nas horas de descanso,

trocam impressões sobre o desenvolvimento do trabalho, falam sobre caçadas realizadas ou relembram «casos» ocorridos com seus antepassados. E muitos desses «caboclos» acabam casando com mulheres Xokleng.. (27)

### Fatores divergentes

a) A atuação do P.I. têm também um caráter divergente no que se refere ao processo de aculturação, pois, conforme Roberto C. Oliveira (28) os postos indígenas nem sempre orientam suas atividades no sentido de estimular as interrelações necessárias ao desenvolvimento desse processo. Entre os Xokleng, o que vemos é o P.I. impedindo que os índios prestem o serviço militar, registrem em cartório as crianças nascidas, realizem o casamento civil, obtenham carteira profissional e outros documentos “necessários à vida fora do posto e comuns aos civilizados”. Dessa maneira o P.I. atua no sentido de incentivar a auto-identificação como membro de uma minoria étnica e isto torna-se flagrante quando vemos seus funcionários a estimular os “civilizados”, de ambos os sexos, que são casados com Xokleng no sentido de não registrarem em cartório os filhos nascidos dessa união, «porque assim eles ficam sendo índios e têm direito a auxílios do posto».

b) Sendo todo o vale do Itajaí povoado por populações que têm origens nas correntes migratórias que demandaram ao país no século passado, fácil é compreender-se que o Xokleng, devido o seu tipo físico, é facilmente reconhecido. Nas suas idas às cidades vizinhas à reserva, êle é sempre apontado como índio, alvo de «curiosidade» dos habitantes do centro urbano e, em decorrência, segregado. Os estereótipos vigentes na área do vale sobre os Xokleng determinam preconceitos como: «esses artefatos são feitos por nossos bugres, que vivem há uns 250 km daqui. Êles são uns beberrões, não trabalham e só vivem a custa do SPI». Dessa maneira difícil se torna para o Xokleng tentar uma fixação, temporária ou definitiva, nesses centros urbanos.

c) Os trabalhos evangélicos realizados pela igreja Assembléia de Deus têm também características que podem ser consideradas como negativas no que se refere ao processo de aculturação. Ela não incentiva outras associações que não aquelas pertinentes a seus objetivos. Dessa forma, os times de futebol desapareceram da reserva. As festas tradicionais - que atraiam diversos «civilizados» e que davam oportunidades para o estabelecimento de novos elos de solidariedade entre as duas populações, se bem que reavivassem a cultura tribal - passaram, também, a ser desaconselhadas pelos responsáveis pela evangelização. Da mesma forma, os «bailes» que costumemente eram realizados - e que permitiam a participação de «civilizados» e também dos representantes das populações Guaraní e Kaingang que vivem na reserva - foram expurgados pela atuação da Igreja. Por outro lado a Igreja Assembléia de Deus incentiva e orienta o estabelecimento de elos de solidariedade entre os «crentes», determinando uma substituição dos valores que outrora eram responsáveis pela coesão da sociedade tribal, mas, em contra partida, reavivando aquela mesma coesão e determinando um sentido novo para a auto-identificação dos «crentes» como membros de uma minoria étnica.

### Conclusões

As conclusões que passamos a apresentar estão condicionadas aos

dados que obtivemos em nosso primeiro mês de pesquisa. Sua profundidade é limitada, pois não nos interessou, no presente relatório, apontar fatos sobre os quais possuimos dúvidas quanto ao seu valor e função para a sociedade Xokleng. Na verdade, nossa preocupação foi ressaltar as características principais da vida do Xokleng nos dias atuais, enfatizando pontos diversos do processo aculturativo que eles estão a sofrer. Dessa maneira, temos:

1. A atuação do SPI junto aos Xokleng foi e é responsável por sua sobrevivência enquanto etnia. A técnica do «contato controlado» permitiu que os Xokleng lograssem vencer os «embates» resultantes do contato inter-étnico e permitiu fôsse modificada sua situação de tribo nômade-caçadora em sedentária-agrícola. Por outro lado, a atuação do SPI tem se revelado negativa no que se refere a assimilação dos Xokleng pela sociedade nacional pois essa orientação estimula, em certas situações, a condição de membro de uma minoria étnica,

2. Os Xokleng estão, nos dias atuais, recebendo compulsões novas que os impelem para tentativas, se bem que individuais, de uma maior integração econômica regional. Para isto procuram encontrar meios que os permita produzir mais ou conseguir documentos que os facilite enfrentar o mercado de trabalho existente nos centros urbanos vizinhos a reserva. Essas tentativas são favorecidas pela atuação da escola e da igreja Assembléia de Deus, que funcionam na séde do P.I.

3. O processo de aculturação que estão a sofrer os Xokleng leva-nos a ressaltar que, embora a integração sócio-econômica tenda a aumentar, difícil se torna, a nosso ver, prever sua assimilação pela sociedade nacional, tendo em vista que a perda da cultura tradicional e dos mecanismos que mantinham a solidariedade grupal estão sendo compensados pelo surgimento de mecanismos novos que levam o grupo a continuar identificado étnica e culturalmente.

### Referências

(1) A denominação Xokleng está de acôrdo com Ribeiro, Darcy (1957, Línguas e Culturas Indígenas do Brasil); outros autores denominam êsse grupo por: Bugres, Botocudos, Kaingang, Aweikoma e Xocren.

(2) Estamos informados que em Matos Costa, município de Pôrto União, existe um pequeno núcleo de Xokleng, que vive sem assistência do SPI. Por outro lado, a população total do P.I. «Duque de Caxias» é formada por 336 indivíduos, sendo 160 Xokleng, 33 Guarani e 143 mestiços.

(3) Cabral, Oswaldo R. (1937, Santa Catharina, Brasileira I.XXX); Boiteux, Lucas A. (1911, Notas para a História Catarinense); Saint Hilaire, A. (1851, Voyage dans l' intérieur du Brèsil. Voyage dans les provinces de Saint-Catherine); etc.

(4) Veja-se nosso trabalho: Os grupos Jê em Sta. Catarina - projeto de pesquisa (1963).

(5) Idem, p.

(6) O Jornal do Comércio, em seu n.º. 42, de 24/2/1883, apresenta a seguinte notícia: «Ao delegado de Lages, respondendo ao seu ofício de 7 do corrente, a que acompanhou a representação do fazendeiro José Rodri-

gues de Souza e a cópia do seu ofício em resposta, que fica esta aprovada. Ao delegado de S. Francisco, pelo telegrafo, comunicando que, para garantir a população dos assaltos dos selvagens no Jaraguá, fica autorizada a despesa com os batedores das matas. No mesmo sentido telegrafou-se ao delegado de Tubarão, quanto aos assaltos na ex-colônia Azambuja»

(7) O jornal «O Pharol», editado em Itajaí, em seu n.º 32, de 24/2/1905, ressalta: «nas matas dêste Município (Brusque-SCS) está internada uma turma de acêrca 20 pessoas, a fim de dar uma batida nos selvícolas que infestam os nossos sertões. Depois de espreitar alguns dias, descobriu a turma um grande alojamento de uns 300 índios pouco mais ou menos. Êsse alojamento está a 5 dias de viagem do lugar Pôrto Franco e devido ao número de índios a turma foi aumentada, tendo para êsse fim saído do mato, para voltar e segundo os calculos do capataz Martim Bugreiro, o assalto ao alojamento deverá ter lugar a 24 ou 25 desta».

(8) Em Matos Costa, Pôrto União, vive um pequeno núcleo de Xokleng. No Município de Orleães, em 1949, foram encontrados três Xokleng em estado selvagem. Informações dêstes, levaram-nos a aceitar a existência de um grupo arredio que foi parcialmente exterminado na década de 40, por fazendeiros da região de S. Joaquim.

(9) Sôbre bibliografia, ver nosso trabalho «Os grupos Jê em Sta. Catarina», ob. cit.

(10) Idem.

(11) Ribeiro, D., ob. cit., p. 20

(12) Idem, p. 20 e Henry, J., 1941. p. 6. Atualmente vê-se que a população está aumentando. Isto ocorre, naturalmente, porque novos recursos médicos-sanitários foram mobilizados para auxiliar a sobrevivência dos Xokleng. Nêsse sentido, é comum ver-se o índio solicitar medicamentos logo que acometido por qualquer doença. Por outro lado, a ultima epidemia que se tem notícia ocorreu em 1942, quando o sarampo grassou, «matando muitas crianças».

(13) Conforme relatório n.º 564, referente ao ano de 1928 - SPI.

(14) Siegel e outros (1961, Textos de Etnologia, p. 87)

(15) Um informante explicou-me que os Xokleng saíram do planalto «porque trabalhá muito prá fazê roça de milho. Depois vejo seca. Passarinho todo ir embora. Tudo ir embora. Homem ficá comendo milho. Comeu todo o milho. Não te mais milho. Então homem ir embora. ir pro mato. Não plantá mais».

(16) Veja-se nosso trabalho «Os Grupos Jê...», p. 23

(17) Idem

(18) Henry, J. p. 50

(19) idem, pp. 33 e 36

(20) idem, p. 88. Entretanto entre nossos informantes apenas obtivemos notícia da existência de três clãs. Os outros existiram, dizem, mas não vive ninguem atualmente que tenha pintura dêles.

(21) Idem, idem, p. 176.

(22) Veja o projeto de pesquisa.

(23) Trata-se atualmente de uma família extensa: Aipon, sua mulher e um filho recém casado. Entretanto, por ocasião da safra o filho de Aipon ainda não havia casado.

(24) Conforme Siegel, ob. cit., p. 88.

(25) Veja-se o trabalho de nossa autoria: «A escola e as populações tribais» - manuscrito.

(26) A visita que o índio Lili Pripá (mestiço: Kaingang e Xokleng) fez ao Rio de Janeiro, onde reclamou junto a Diretoria do SPI da orientação seguida pela chefia do P. I. Duque de Caxias, e sua morte, posteriormente, na reserva, determinaram uma mudança de chefia do P.I. e consequentemente a situação de contato controlado, que até aquêl ano de 1954 vinha sendo mantida.

(27) Há algumas Xokleng que estão casadas com caboclos. Entretanto, parece-nos que há mais ligações fortuitas do que casamentos. Por outro lado, os homens Xokleng estão em maior número casados com mulheres civilizadas.

(28) Oliveira, Roberto C., 1960, The role of indians posts in the process of assimilation - two case studies - In América Indígena. Vol. XX, n.º. 2.

(\*) «Tifa» é um caminho vicinal; é, segundo uso corrente no vale do Itajaí, «uma linha de colonização».

(\*\*) Abordagem semelhante faz Roberto Cardoso de Oliveira em o Processo de Assimilação dos Terêna, 1960, Museu Nacional.

(\*\*\*) «Coboclos» na região do vale do Itajaí são todos os brasileiros que têm nomes genuinamente portugueses. Aqui refere-se especialmente às populações que vivem no vale sem maiores recursos financeiros e que não são descendentes de alemães ou italianos. Alguns desses «caboclos» apresentam características físicas demonstrativas de mestiçagem entre o branco e o Índio.

---

## — BIOGRAFIA DOS ÍNDIOS XOKLENG (BOTOCUDOS) —

Blumensohn, Jules H., - 1936.

«A preliminary Sketch of the Kinship and social organization of the Botocudo Indians of the Rio Plate in the Municipality of Blumenau, Santa Catarina, Brazil». Boletim do Museu Nacional, XII, n. 3-4, Rio; Hanke, Wanda, 1947,

«Los índios Botocudos de Santa Catarina, Brasil». Arquivos do Museu Paranaense. IV, Curitiba; Henry, Jules. 1936,

«The linguistic expression of emotion» in American Antropologists, n. s. XXXVIII, Menasha, Wisconsin. Henry, Jules, 1935,

«A Kaingang Text» in International Journal of American Linguistics; vol. VIII, n. 3-4, New York;

Serviço de Proteção aos Índios, 1911,

«Exposição sôbre o Serviço de Proteção aos Índios e localização de trabalhadores nacionais constante do Relatório do Sr. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, relativo ao ano 1911, Rio.

Serviço de Proteção aos Índios, 1915.

«Relatório que o Sr. Superintendente Municipal de Blumenau remete ao Exmo. Sr. Ministro do Interior. . .» nº. 127;

Serviço de Proteção aos Índios, 1928,

«Relatorio anual referente ao exercício de 1928 do P.I. «Duque de Caxias» nº. 564;

Silva Simoens da 1930,

**A Tribu Caingang** (índios Bugres - Botocudos).

Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro;

Zittlow, Augusto e Bischof, Martin L, 1915.

«Os índios em S. Catharina». In **O Estado**, anno I, n. 64, Florianópolis, Bandeira, Alipio, 1926,

**A Cruz Indígena**. Porto Alegre.

Guérios, R. F. Mansin, 1945,

«O xocren é idioma Caingangue». **Arquivos Do Museu Paranaense**, IV, Curitiba; Ihering, Hermann von, 1912,

«A Ethnografia do Brasil meridional». **Actas del XVIIº. Congresso Internacional de Americanistas** (Sesion de Buenos Aires, 1910), B. Aires,

Métraux, Alfred, 1946,

«The Caingang», in **Handbook of south Américan Indians**, vol I, the marginal tribes; Smithsonian Intitution, Washington

Metraux, Alfred, 1947,

«Social Organization of the Kaingang and Aweilkoma according to C. Nimuendaju's unpublished data».

American Antropologist, N. S. , 49, nº. 1, Menasha, Wisconsin; Mussolini, Gioconda, 1946,

Os meios de defesa contra moléstia e a morte em duas tribos brsileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororó Oriental.

**Revista do Arquivo Municipal CX**, S. Paulo;

Paula, José Maria de, 1924.

«Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo Serviço de Proteção aos selvículas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula». Annaes do XX congresso internacional de americanistas (Rio de Janeiro 1922), vol I, Rio;

Tavares, Joaquim da Silva, 1912,

«Os Botocudos de Santa Catarina». Brotéria, série de vulgarização científica, vol. X. Fasc. IV. Braga

Vasconcelos, Diogo R. de, 1912,

«Botocudos». Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, XVII, (1904), Rio;

Albershein, Úrsula, 1962,

**UMA COMUNIDADE TEUTA BRASILEIRA** — (Jarim) CBPE, Rio de Janeiro.

# A ESTRADA BLUMENAU-CURITIBANOS

---

Em artigo, que foi publicado numa das edições de abril, dêste ano do diário «A Nação» e que ainda reproduziremos nestes «Cadernos», o sr. Ferreira da Silva faz referências à carta que o colono Alexandre Bürger mandou, em 1857, a parentes seus, na Alemanha, a respeito da verdadeira epopéia do Capitão Pinto o qual, da Colônia Militar de Santa Tereza, nas cabeceiras do Rio do Sul, desceu êsse rio, a princípio de canoa e, depois, pelas suas margens, em penosa marcha pelas florestas virgens, veio ter a Blumenau, então um povoado de umas dezenas de ranchos primitivos.

Damos, a seguir, a tradução dessa carta, no trecho que interessa à aludida expedição, tal como vem publicada no livro «Jahresbericht ueber die Ereignisse etc», de autoria do Dr. Blumenau e publicado em Hamburgo, em 1857. A tradução é de Dona Cristiana Deeke Barreto:

«Recebemos, estes dias, uma visita sumamente interessante, causando-nos grande prazer, em cuja recepção e despedida, detonamos numerosas salvas de honra. Capitão Pinto, o comandante dos Batedores de Mato desta Província, inclusive da guarda de 12 elementos aqui estacionada, chegou aqui, descendo pelas florestas do nosso Itajaí Grande, tendo relatado muita coisa nova e relevante sôbre esta viagem. Iniciara êle a excursão com dez canoas e vinte e cinco homens, descendo o braço do Itajaí que, seguindo a base da montanha - Serra Geral - é atravessado pelo caminho que se dirige de Santa Catarina (Ilha) à freguesia de Lajes, tendo sido vitorioso neste empreendimento, apesar dos muitos perigos e grandes impecílios que teve de enfrentar, tendo sido o mesmo tentado já anteriormente por várias vêzes, e com resultado negativo. Após pouco tempo de jornada, viu-se êle torçado a desistir da via fluvial devido às muitas cascatas do rio, entre estas umas de 50 pés de altura, que tornaram a passagem quase impossível. Decidiu então abandonar as canoas e os gêneros alimentícios não absolutamente indispensáveis, tendo continuado por via terrestre até a sua feliz chegada aqui, mesmo que já um tanto emagrecido e esfomeado - após 22 dias do início da excursão, na qual vencera 50 milhas de caminhada. O empreendimento, entretanto, exigira também o seu tributo - perecendo um dos seus homens afogado em redemoinho de uma das fontes corredeiras do rio. Um relato minucioso espero poder remeter dentro de breve. O que é particularmente importante para nós, é a declarada beleza e fertilidade das terras da região até ao pé da serra. Mais ou menos a 8 ou 10 milhas acima do grande salto, que fica a uma milha de distância daqui, forma o rio, na extensão de 7 milhas, mais ou menos, no vale que é aí excepcionalmente belo, uma espécie de lagoa ou reprêsa, com as águas paradas, ou com a correnteza quase imperceptível das águas cristalinas, representando um cenário verdadeiramente encantador. Esta reprêsa está sendo formada pelo braço ora explorado e de dois outros rios, mais ou menos iguais em importância a êste, vertentes um Jo Oeste e o outro do Norte, presumivelmente da região serrana. Ambos têm aguas profundas e calmas, sendo supostamente navegáveis dentro de certa distância, representando a referida reprêsa e os três rios, portanto, além dos vários ri-beirões canoáveis nas pequenas cheias, uma comunicação fácil, sem embaraços, em uma extensão de 15 a 25 milhas naquele interior. As ribanceiras são altas,

com vestígios facilmente definíveis, de inundações em tôda a parte, sendo o mato denso e forte e, consequentemente, o solo fértil, de maneira que a região formada de trechos planos e de colinas ondulantes é ótima, sob qualquer ponto de vista, para fins de colonização. Uma estrada seria de fácil execução devido as condições (topográficas e meteorológicas) da região - plana e sêca. Na turma da excursão encontrava-se um índio legítimo, já um pouco civilizado, que, depois de ter convivido durante tempos com os brancos, fôra recapturado por seus irmãos selvagens, que o seguraram durante sete anos, tendo acompanhado os índios nas suas andanças no Alto Vale do Itajaí e na região serrana, antes de aproveitar uma oportunidade para escapar novamente para junto dos brancos. Afirmou êste homem que nos vales dos dois braços os do Oeste e Noroeste, como no referido braço explorado pela excursão, seria fácil chegar-se ao pé da serra e, da mesma maneira a ascensão à mesma, em diversos pontos. Temos, portanto, a bem fundamentada perspectiva de conseguirmos, pelo menos, uma estrada á região serrana executável sem grandes despesas. Poderíamos então, abastecer-mos de gado em menos tempo e a melhores preços e permutar para lá ainda os nossos produtos - açúcar, aguardente de cana e café. Logo que algumas questões atinentes ao caso estejam resolvidas, o que ocorrerá dentro em breve, pretende-se organizar uma expedição para, saindo daqui e seguindo o braço que vem da direção oeste procurar o altiplano por êste caminho. Com o início da construção desta estrada, esperamos poder contar para dentro de um ano, se bem que a conclusão rápida da mesma dependerá, em grande escala, do acréscimo de mão-de-obra, através da imigração mais acelerada, sendo que os empreendimentos maiores se ressentem constantemente desta insuficiência. A estrada ao altiplano e um vapor no rio, constituem o objetivo das nossas ambições que, realizadas, promoverão a era áurea no belo Itajaí. Nestes últimos quatro anos, aqui muita coisa já mudou, tendo perdido de densidade a mata virgem na região superior do rio, e sido substituída, na colônia, própria dita, por cento e poucos estabelecimentos coloniais. Progredindo mais ou menos o atlujo de imigrantes, teremos dentro de três anos o nosso vaporzinho, o que é uma necessidade e, também, uma estrada à região serrana e mesmo que não fique excepcionalmente boa sirva pelo menos ao trânsito de pedestres»

**A** Agência Postal de Pomerode começou a funcionar em fins de maio de 1910. Seu primeiro agente foi o comerciante Hermann Weege. Durante vários anos, o sr. Alberto Kanitz foi condutor de malas postais.

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**



## UMA FIGURA TÍPICA DE BLUMENAU DE ANTIGAMENTE

Nesta fotografia, que nos foi, gentilmente, cedida pela família do advogado Tomé Braga, de saudosa memória, aparece o nosso Cristiano Piependeckel, de que trata o presente artigo. E aparece como um legítimo gentleman da época, com um ramo de rosas na mão esquerda e o surrado chapéu de palha na direita. Cristiano foi figura típica de Blumenau dos começos deste século. Estimado de todos, pela sua índole pacífica e bonachã, alvo da chacota da gurizada, ia vivendo sua vida, tranquilo e feliz na sua ingnorância e na sua despreocupação. Ganhava a vida carregando malas, fazendo pequenos biscates, merecendo os poucos vinténs que lhe bastavam para a cachacinha e para o parco sustento. Nestes "CADERNOS" já temos feito referências a outras figuras típicas do velho Blumenau, como o "Schirmonkel" que foi maravilhosamente retratado por Dona Gertrudes Gross Hering. A elas juntamos agora a do bom "Piependeckel".



A colônia de Blumenau, em fins do século passado e início deste, possuía uma figura típica e bastante popular entre seus habitantes: Cristiano, conhecido como Cristiano "Piependeckel" (êsse sobrenome significa, no idioma germânico, "tampa de cachimbo").

Natural da Alemanha, aqui chegado não se sabe precisamente quando, Cristiano «Tampa de Cachimbo» vivia de pequenos serviços que realizava por empreitadas.

Estimado por todos aqueles que com êle conviviam, o popular personagem era de estatura baixa, por isso mesmo merecia apelidos, como o citado, os quais lhe eram de pouco agrado.

Bigodes compridos, cabelo cortado à «escovinha», Cristiano trajava sempre uma camisa de malha grosseira, sem golas,

e calça de brim; sapatos, nunca usava. Essa exquisita figura, como não poderia deixar de ser, era geralmente alvo de chacota da petizada daquela época. Entretanto, o bom, o simples Cristiano, era incapaz de reagir violentamente contra os seus pequenos (e inocentes) ofensores; ao contrário, juntamente com êstes, ria dos ditos jocosos e referências pouco lisongeiras que os pequenos lhe faziam. Como vemos, Cristiano era meio fraco da inteligência, o que, em absoluto, não o desmerecia perante a população de Blumenau que, como já dissemos, bastante o apreciava.

O vapor «Progresso», também o «Blmenau», e outros, pelos quais se fazia o tráfego fluvial entre Itajaí e esta cidade, eram sempre esperados, no pôrto, pelo alegre Cristiano; êle encarregava-se então de, mediante alguns tostões, transportar as bagagens dos passageiros ou alguma carga que lhe confiassem. E assim, obtinha algum dinheiro, gasto, na maioria das vêzes, nos «botecos», onde bebia, todo santo dia, os seus traguinhos. Pois Cristiano gostava de beber. E não havendo quem o impedisse, bebia bastante. Não de cair pelas sargetas. Embora estivesse sempre exalando cheiro de cachaça, não se poderia dizer que estivesse fora de sí. «Mantinha a linha», como se diz hoje em dia.

Além dêsse serviço de transporte de cargas, Cristiano «Piependeckel» trabalhava de quando em vez nas casas de pessoas que, humanitariamente, lhe proporcionavam, assim, algum meio de subsistência. Baumgarten, Dr. Bonifácio Cunha e outros, sempre tinham em suas propriedades algum serviço por fazer: lenha para ser rachada; matos e terreiros a serem limpos e capinados. E Cristiano podia continuar sua existência, parece que despreocupada, sempre ingerindo sua «cachacinha».

Interessante é o fato de que Cristiano, embora passassem os anos, tinha sempre a mesma aparência, pouco denotando sinais de velhice.

Pessoas que o conheceram pessoalmente, adiantam que por volta de 1914, Cristiano ainda vivia. Depois, com o crescimento gradativo da cidade, sua figura foi desaparecendo de circulação, até que dêle não mais se ouviu falar. O fim que levou, ninguém sabe.

Graças ao «hobby» que tinha o advogado Thomé Braga, de fotografar tudo quanto lhe aparecesse na frente, Cristiano ficou retratado numa «chapa», a qual, por cortesia de familiares do Dr. Braga nos chegou às mãos e que temos a satisfação de reproduzir, como ilustração dêste artigo. Cristiano, tendo às mãos uma “rosa Amélia” (na época, era “chic” deixar-se fotografar com uma flor na mão) posa para a objetiva, proporcionando-nos, assim, essa foto de interessante valor histórico para a “galeria” de figuras típicas de antigamente. C. M.

# MEMÓRIAS DE FIDES DEEKE

---

Sob o título "A Guarda cívica de Blumenau", publicamos, no número 7 do tomô VI, de "Blumenau em Cadernos", as reminiscências de Fides Deeke, relativamente à Revolução de 1893 em Blumenau. Com estas memórias, damos mais um interessante capítulo do referido movimento armado que tanto influiu na vida político-administrativa e econômica de todo o Estado de Santa Catarina. O relato de Fides Deeke, além de interessante, é de inestimável valor histórico, pois documenta uma das fases mais críticas da vida do nosso Município.

Enquanto a «Divisão Norte» seguia rumo a Itajaí, em perseguição dos federalistas, com o propósito de forçar uma solução definitiva, mesmo prevendo a resistência tenaz, ocupamos nós as fronteiras do município, para impedir o avanço das tropas inimigas, eventualmente da direção de Joinville.

Construímos trincheiras no declive da serra, na região do rio Garibaldi, do lado joinvillense.

O Sr. Friedrich von Ockel era o comandante nêste setor de defêsa, e as obras executadas sob as suas ordens eram de uma perfeição, que as forças inimigas dificilmente venceriam.

Infelizmente o adversário não chegou àquelas bandas, pelo menos não enquanto aí nos encontrávamos, montando guarda.

O General Lima recebeu informações, então, de estar o inimigo a organizar-se para o ataque em Itajaí, munido de munição em abundância possuindo até alguns canhões.

Barcos de guerra estavam entrando e saindo do pôrto, o que os piquetes de observação do General Lima, estabelecidos aí em pontos estratégicos, das montanhas circunvizinhas da vila, puderam observar.

Foi decidido mandar a Brigada da Divisão comandada pelo Coronel Menna Barreto, constituída das tropas de vanguarda, via Brusque, Alferes e Camboriú, para atacar os federalistas na direção do mar, e cortar-lhes, principalmente, a fuga através dos navios de guerra.

Foi marcado o dia para o respectivo ataque, de maneira que a Brigada Menna Barreto dispunha de oito dias, tempo suficiente para chegar com o respectivo rodeio, a seu destino.

As tropas restantes da divisão avançaram vagarosamente, ocupando as colinas estratégicas nos arredores de Itajaí, armando aí os seus dois canhões.

No dia preestabelecido, iniciaram o ataque. Os federalistas responderam, também com fogo de canhão e de fuzis. Atacando as tropas legalistas com maior insistência, os federalistas embarcaram nos vasos de guerra

fugindo com destino a Destêrro.

Em vão esperava o General Lima a ação da Brigada Menna Barreto frustando-lhes os propósitos.

Só no dia seguinte, quando havia mais vestígio de tropas inimigas em Itajaí, chegaram êles ali, alegando o Coronel dificuldades imprevistas, como o motivo do atraso. Não se duvidava da veracidade das razões, na época mas, meses depois, com o procedimento do Coronel Menna Barreto na Serra do Oratório, ficaram bem claras também as intenções dêste atraso em Itajaí.

Acampada, durante algum tempo, em Itajaí e arredores, vinha a Divisão Norte sofrendo forte pressão da parte da marinha rebelde, com a qual naturalmente, não estava capacitada a entrar em combate.

Assim fez-se um balanço objetivo da situação e, encarando a possibilidade do recuo por parte dos federalistas, caso êstes cortassem o caminho para o recuo á região serrana, por intermédio das tropas de infantaria, com ponto de partida do Paraná ou do Sul do nosso Estado, onde se encontrava o contingente do Coronel Salgado, foi resolvida a retirada lenta, à região serrana. Além de esgotadas as reservas de munição, também existia escassêz de gêneros alimentícios, e no altiplano o abastecimento de carne pelo menos sempre estaria garantido.

A nós blumenauenses, estas considerações e consequente plano de retirada das forças legalistas só bem mais tarde chegaram ao conhecimento.

De momento observamos apenas a marcha das tropas, vindas de Itajaí, passando por Blumenau rumo ao interior. Dizia-se estarem com a intenção de atrair para lá o inimigo, onde êste não mais teria o apoio poderoso dos vasos de guerra, e tentariam então vencê-lo definitivamente.

Mal as últimas colunas do contingente legalista haviam desaparecido, e já se ouvia, da região de Belchior, o estrondo de tiros a canhão.

A nossa artilharia de defesa localizada em pontos estratégicos, havia disparado com o intuito de, pelo menos, atrasar um pouco o avanço do adversário, quando êste, então, abrisse o canhoneio.

Nestas circunstâncias não havia hipótese de resistência para Blumenau, e as famílias fugiram aos vales circunvizinhos da séde: - Garcia, Bom Retiro, Velha, Itoupava, Encano etc.

Eu e meu irmão Caetano aprontamo-nos para a campanha e seguimos atrás da Divisão do General Lima, que alcançamos em Aquidaban, (hoje Apiuna), no dia seguinte.

Chegando ao acampamento geral, encontramos ai já os nossos amigos, Dr. José Bonifácio da Cunha, Dr. Victorino de Paula Ramos, Santos Lostada e Cunha Silveira. Contaram-nos que havia pouco, haviam conferenciado com o Cel Menna Barreto, o qual, em nome do General, havia-lhes exposto a situação e participado o plano da retirada para a serra, e oferecido a êles, extensivo aos demais blumenauenses que apoiaram a causa legalista a integração na Divisão para o Serviço ativo reconhecendo que atualmente, não estaríamos em segurança em Blumenau justificaram ainda a retirada, alegando não querer servir de causa para a vingança ou desfôrta dos

federalistas na população blumenauense, e para não fazer de Blumenau o campo de batalha.

O General teria deixado ao critério dos blumenauenses aceitar ou não a proposta.

Eu não necessitei de tempo para decidir-me. Declarei logo que assumiria o compromisso de servir, no cargo de capitão, sujeito às ordens do comando, em que e para o que quer que fôsse.

Empenhei-me, entretanto antes de comprometer-me definitivamente em persuadir também os meus companheiros, principalmente os Drs. Cunha e Paula Ramos, de não voltarem a Blumenau, onde seriam os mais visados para eventuais atos de vingança ou represália da parte dos federalistas.

Eu e meu irmão eramos caçadores, acostumados a passar temporadas prolongadas na floresta, de maneira que, mesmo para alguns anos, poder-nos-íamos manter escondidos. O mesmo, entretanto não acontecia com os outros, e a solidariedade, caso êles optassem por esta solução, seria questão de honra e o sucesso da vida silvícola, nestas circunstâncias bem duvidoso.

Meu irmão desde logo declarou que faria o que eu escolhesse, e os outros após considerações mais demoradas, optaram também pela integração militar.

Fomos à presença do Cel. Menna Barreto, levar a nossa decisão a seu conhecimento, que foi aceita com satisfação. O Cel. logo pareceu-nos ser um homem de indole emotiva, pois na exposição da situação que êle fêz, novamente, já que antes Caetano e eu não estivessemos juntos mencionando a incapacidade atual da Divisão de garantir a segurança dos blumenauenses, vieram-lhe lágrimas aos olhos.

Eu já tive o pressentimento dêste desfêcho, quando segui atrás da Divisão e havia levado logo, além dos cavalos de montaria para mim e Caetano, também uma bêsta de carga, e levado tôda a roupa, principalmente também roupas de inverno.

Partimos na madrugada do dia 30 pousando a Divisão a primeira vêz na Subida, quando Caetano, Lostada e eu fomos integrados no 29º. Batalhão da 3ª. Brigada, enquanto os outros ficaram adidos a outras unidades da Divisão. O nosso Comandante, Coronel Antônio Pimenta do Carmo, era um homem muito amável e simpático.

Após o almôço fomos chamados á presença do Senador Pinheiro Machado, onde encontramos também os nossos companheiros Drs. Cunha e Paula Ramos. O Senador havia escolhido a nós blumenauenses, para formar a comissão para viajar a Curitiba, o que tambem aceitamos. O plano depois foi abandonado, mas no momento nos empenhamos para desincumbir-nos o melhor possível, do recado. O pior desta missão foi que devíamos passar na dianteira da Divisão. Na partida de Aquidaban encontramos-nos na retaguarda da mesma, e, na chegada a Campo dos Ilheus, estávamos juntos á vanguarda. Havíamos, neste percurso, ultrapassado a 3.500 homens, pedestres, cavaleiros e respectivas bestas de carga.

Na pousada em Subida, recebemos do Senador Pinheiro Machado

um tólido e algumas roupas, pois o Dr. Cunha, Lostada e Cunha Silveiro não haviam levado nada, possuindo apenas a roupa que tinham no corpo.

O tempo piorava dia a dia, e no caminho estreito, em direção à serra pisado por centenas e centenas de cascos de cavalos, muares, e por milhares de pés humanos em marcha, formara-se um lamaçal profundo. Um ia atrás do outro, no mesmo passo e compasso, mas, devido à tal missão da ida a Curitiba, devíamos nós passar diante de todos. Isso nos caminhos estreitos e sulcados, representava, muitas vêzes, verdadeira acrobacia.

De vêz em vêz, via-se um pobre animal morto ou morrendo á beira do caminho, - ossadas de cavalos e muares, mais ou menos apodrecidas, encontravam-se, também, a cada instante, parecendo-nos as chuvas, então, ainda uma providência divina. Eram estas ossadas tristes remanescentes da descida da Divisão da serra, mas, principalmente, daquela dos federalistas, que tiveram grandes perdas em animais, pois vinham de ser perseguidos, já durante semanas, pela Divisão Norte, não lhes tendo sido possível, assim, adquirir animais novos em substituição aos enfraquecidos na campanha.

Os rios todos transbordaram, dêse o Rio do Sul e dificultaram a passagem dos animais a nado, que se emaranharam com a carga nas copas de arbustos e árvores, perdas de cargas e arreios foram inevitáveis. Vastas regiões, pelas quais passava o caminho, estavam totalmente alagadas. Os pedestres embrenharam-se mato a dentro, mas cavaleiros e animais de carga seguiram o caminho, visível pelo vão entre a vegetação marginal. Os animais até a altura da sela n'água e os poucos mantimentos que as bestas transportaram nas bruacas, ficaram molhados. A farinha de mandioca azedou, a carne sêca apodrecia e todos os objetos de couro ficaram moles, disformes e catinguentos.

Também o rio Trombudo os animais puderam atravessar apenas a nado.

Já que estávamos molhados, sujos e suados, aproveitamos a oportunidade para um banho, mesmo na água barrenta. Ao mergulhar toquei no fundo num objeto, que parecia ser de metal. Levado à tona, constatei tratar-se de um chicote, com pesado cabo de prata de lei. Em outro mergulho agarrei outra coisa estranha, que revelou-se ter sido uma cartucheira, ainda quasi cheia de munição. Quando, animado com êstes achados, vasculhei outra vêz o fundo do rio, o objeto longo que arrastei para fóra d'água era uma perna de burro, apodrecida, que causou-me náuseas e motivou o fim dêste banho mais recreativo do que de higiene.

No picadão, em forte aclave, na encosta da serra, não havia a largura necessária para passagem das carretas dos canhões. Assim os soldados receberam ordens de deitarem-se, ou dependurarem-se à beira do caminho, a beira de abismos e grotas profundas, deixando passar uma roda das carretas sôbre um dos seus ombros.

Calculei, afinal, que dentro de pouco devíamos alcançar o cume da serra, o que também foi o caso. Estaquei, entretanto, horrorizado pois constatei que, a algumas centenas de metros de distância, começava apenas a verdadeira serra podendo-se exergar o caminho serpenteando uma subida.

Continua no proximo número



# PERCEVEJOS - COM ESTRELA

**Latonados**  
**Niquelados**  
**Revestidos**

com capa de  
segurança em  
10 Côres.

**NOVIDADE -**

## PLASTI-CLIPS

COM FARPAS

— 2 Tamanhos — 5 Côres —

## PLASTI-CRAVOS

— 4 Tamanhos — 16 Côres —

## PRAYON BLUMENAU

**INDÚSTRIA TÊXTIL**  
**COMPANHIA HERING**

---

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL  
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL n.º 2  
TELEGR.: "TRICOT"

---



**Fábrica de**  
**Artefatos de Malhas**

---

**FUNDADA EM 1880**

---

---

CONTRIBUINDO PARA A  
GRANDEZA DO BRASIL  
EM SEU COMÉRCIO  
E INDÚSTRIA